

A FAMÍLIA, SUAS MUDANÇAS E A MANUTENÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS NA AGRICULTURA FAMILIAR EM QUILOMBOS DO VALE DO RIBEIRA PARANAENSE*

THE FAMILY ORGANIZATION AS A BASIS FOR THE MAINTENANCE OF TRADITIONAL KNOWLEDGE IN AGRICULTURE IN QUILOMBOS THE VALE DO RIBEIRA

Lourival de Moraes Fidelis¹

Sonia Maria Pessoa Pereira Bergamasco²

Resumo

A família sempre foi e ainda é o fundamento básico da agricultura familiar e camponesa. Não é possível pensar a agricultura familiar sem esta instituição. A partir das famílias camponesas a vida se estrutura, a produção de alimentos se processa, tanto para o sustento familiar, quanto para a comercialização. Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as famílias observadas em um remanescente de quilombo de Adrianópolis, município do Vale do Ribeira paranaense, no tocante à sua composição numérica e de gênero, tempo de residência no quilombo e composição etária. A pesquisa fundou-se na Metodologia Qualitativa, utilizando principalmente questionários semiestruturados e vivências com as famílias nos quilombos. Os resultados a que se chegou mostraram que as famílias no quilombo estudado, vem resistindo às pressões modernas, mas estas não estão isoladas do mundo e das novas demandas que a sociedade impõe. As famílias no quilombo permanecem camponesas na sua lógica de reprodução, mas se conectam ao mundo moderno adaptando suas tradições ancestrais sem perder de vista a sua identidade quilombola.

Palavras-chave: Campesinato, Agroecologia, Adrianópolis, Negros do Ribeira.

Artigo Científico: Recebido em 07/12/2015 – Aprovado em 21/12/2015

¹ Professor da Licenciatura em Educação do Campo – UFPR – Setor Litoral. E-mail: lourivalfidelis@yahoo.com.br (autor correspondente)

² Professora da Faculdade de Engenharia Agrícola – FEAGRI/UNICAMP. E-mail: sonia@feagri.unicamp.br

* Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado concluído pelo autor principal em fevereiro de 2015 na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas. Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela bolsa de estudos concedida que, sem a qual, a pesquisa não seria possível.

Abstract

The family has always been and still is the basic foundation of family and peasant farming. Can not think the family farm without this institution. From the peasant families life is structured, food production takes place, both for their livelihood, and for marketing. This article aims to present models of families observed in quilombo of Adrianópolis, a city located in the Vale do Ribeira Paraná, in terms of its number and gender composition, residence time in the quilombo and age composition. The methodology used was the Qualitative Methodology, using mainly semi-structured questionnaires and living experiences with families in the quilombo. The results have shown us that families in the studied quilombo have resisted pressures to modern, but are not isolated from the world and the new demands that society imposes. The Families in the quilombo follows the peasant logic of reproduction, but are connected with the modern world by adapting the quilombolas ancestral traditions without losing their identity quilombola.

Keywords: Peasantry, Agroecology, Adrianópolis, Ribeira's Black.

1 Introdução

Estima-se que no Brasil existam cerca de 5000 quilombos espalhados pelo seu território. Nestes quilombos, a maioria localizados no meio rural, a lógica familiar é o centro da produção agrícola. No Paraná estima-se que existam 87 comunidades remanescentes de quilombos, destas 37 já foram reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares e o município que mais concentra comunidades quilombolas é Adrianópolis, município localizado no Vale do Ribeira paranaense (PALMARES, 2015). Neste município estudamos o quilombo de João Surá, residiam neste quilombo, no momento da pesquisa, quarenta e três famílias, destas entrevistamos quatro famílias.

A família sempre foi uma instituição forte no meio rural, notadamente na agricultura com suas múltiplas formas e arranjos, de agricultores do Sul ao Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. No meio rural vigoraram por um bom tempo famílias numerosas, com muitos filhos, no intuito que estes se somassem aos trabalhos nos roçados, aos trabalhos empregados na agricultura para a produção de alimentos para a manutenção familiar e assim suprir os mercados locais.

No entanto, esta categoria, desde a sua concepção, ainda é marcadamente conservadora, patriarcal mantendo uma relação, em muitos casos, de submissão das mulheres, dos idosos e das crianças em relação ao homem. Mudanças nesta estrutura social ocorrem de forma lenta, pois, são séculos de um modelo familiar conservador que

reproduz esta realidade como sendo “normal” por todos os espaços de formação da sociedade.

São quatro séculos de formação de um modelo que se instalou no pensamento dos ocidentais e que é mantido por várias instituições tais como a escola, a igreja, o sistema de justiça e os meios de comunicação. Não é de se estranhar que mudanças sejam difíceis de serem assimiladas. Deve-se lembrar que, há três séculos atrás, a transformação para o atual modelo nuclear de família também foi vista com desconfiança e, desde então, preconiza-se seu fim (SKZYMANSKI, p.21, 2010).

Há cerca de 300 anos ocorreu uma mudança significativa do que se concebia por família até então. Começava naquele período a época que ficou conhecido como a *Era das Revoluções*. Estas revoluções mudaram a face do mundo, reinventando e transformando todas as relações que vigoravam nas sociedades, principalmente nas sociedades ocidentais (HOBSBAWM, 1997). O Estado e igreja, a família passa a ser a célula *mater* da sociedade: “A família, em geral, é considerada o fundamento básico e universal das sociedades, por se encontrar em todos os grupamentos humanos, embora variem as estruturas e o funcionamento” (MARCONI, p.185, 1985).

O modelo de família que temos hoje no Brasil, chegou através das nossas heranças portuguesas que traz consigo o modelo europeu de família, muito embora tenhamos elementos indígenas e negros em nossa cultura, o que persiste até os tempos atuais, é o modelo de família europeia.

É por volta do século XVIII que a família começou a delimitar uma área maior de vida particular e os costumes

contemporâneos foram fortemente influenciados por esse sentimento de família que se desenvolveu na Europa a partir do século XVI, especialmente nas classes mais abastadas. Entre esses costumes está o de cada família morar na sua casa e ser responsável pela educação de seus filhos (SKZYMANSKI, p. 48, 2010).

Ao encontrar aqui uma diversidade de povos indígenas e ao mesclar milhares de negros de diversas partes da África, por força do sistema escravagistas que se impôs às colônias latino-americanas, que vinham também de culturas e de formações diferentes sobre a família, compõe-se um modelo de família nuclear extensa e, em algumas situações, baseadas em modelo de família matrifocal. Criam-se assim as bases para formação de modelos familiares diferenciados dos convencionais onde, na falta do homem, do pai, é a mulher, a mãe, quem direciona os caminhos feitos pela família.

A formação familiar nuclear: pai, mãe e filhos vem mudando de maneira acentuada, de forma que as situações que antes pareciam ser hegemônicas agora vêm sendo transformadas pela existência de outros arranjos familiares em que a presença da mulher, como referência, aparece com mais frequência, em substituição ao homem. Quando ela, a mulher, não está desempenhando o papel de chefe familiar, comandando sem o homem os desígnios da família, está em situações de equivalência com o homem.

Assim, nos últimos 50 anos, com o crescimento da população e do inchamento dos grandes centros, para onde as famílias agricultoras se deslocaram e, em um ir e vir contínuo retornando aos locais de origem, trazendo novos conceitos e arranjos familiares que são incorporados àqueles já existentes. “Observa-se a existência de um consenso sobre a diversidade de arranjos familiares, sobre o caráter temporário dos vínculos conjugais e sobre outras questões ligadas à área da reprodução humana e da liberalização dos costumes” (SALES; MATOS; LEAL, p.53, 2004).

Não que o conservadorismo e o machismo ainda não sejam persistentes, mas já há mudanças no cenário que antes era dominado pela posição do homem como referência de uma família masculino-

normativa. Em situações em que a falta do homem ocorresse, tal família era considerada desestabilizada, em desalinho ou desestruturada, termo “surgido originalmente para rotular as famílias que fugiam ao modelo padrão descrito pela escola estrutural – funcionalista” (SALES; MATOS; LEAL, p.38, 2004).

Embora as famílias no meio rural ainda reproduzam práticas consideradas conservadoras, há um bom tempo e por conta da difusão da informação acerca dos direitos da mulher, do homem, da criança e adolescente e dos idosos, estas relações, sobretudo as que resultaram em violências sobre as mulheres, crianças e idosos, vem diminuindo.

Por via dos meios de comunicação de massas, (muitos destas informações são para reafirmar velhos e conservadores conceitos, mas também se vinculam valores modernos, notadamente urbanos, valores de outras culturas, diferentes das locais), além de cursos, de oficinas, promovidos geralmente por ONG's, trabalhos e curso de profissionais da assistência social e da saúde da família, dos conselhos tutelares e de leis como a atual Lei Maria da Penha, todas estas em interação, fazem com que algumas destas práticas de submissão sejam observadas de forma mais cuidadosa pelos sujeitos do campo e superadas, principalmente, pelos movimentos sociais.

Toda esta inserção da sociedade civil, das universidades com trabalhos de extensão e pesquisa, mas também do Estado, concorreu para a percepção de que a família moderna é extremamente complexa e que nela se radicam uma diversidade de virtudes e defeitos observados de maneira ampla na sociedade, mas que, à primeira vista, raramente as relacionamos como algo que possa ocorrer no interior das famílias.

Sendo assim, a família deverá ser considerada não como um nirvana recuperado pelos conservadores, mas como uma instituição contraditória que, a par de suas características positivas, poderá funcionar como um fator de reprodução de desigualdades e perpetuação de culturas arcaicas (SALES; MATOS; LEAL, p.28, 2004).

A submissão das mulheres e dos idosos em relação ao homem, “o chefe de família”, faz com que estas contradições, no âmbito da família, sejam enfrentadas por uma maior presença nas decisões

pelas mulheres e também pelos idosos. Obviamente que a violência cometida pelo homem no interior da família que o abriga, sobre suas companheiras, seus filhos e idosos ainda é uma marca hedionda a ser superada. Mas esta violência não é um “privilegio” do meio rural, mas sim de toda a sociedade moderna.

[...] vale ressaltar o caráter contraditório da família, como um chamamento para o fato de que o núcleo familiar não é uma ilha de virtudes e de consensos num mar conturbado de permanentes tensões e dissensões. A final, como toda e qualquer instituição social, deve ser encarada como uma unidade simultaneamente forte e fraca. Forte, porque ela é de fato um *locus* privilegiado de solidariedades, no qual os indivíduos podem encontrar refúgio contra o desamparo e a insegurança da existência. Forte, ainda, porque é nela que se dá, via de regra, a reprodução humana, a socialização das crianças e a transmissão de ensinamentos que perduram pela vida inteira das pessoas. Mas também é frágil, pelo fato de não estar livre de despotismos, violências, confinamentos, desencontros e rupturas. Tais rupturas, por sua vez, podem gerar inseguranças, mas também podem abrir portas para a emancipação e bem-estar de indivíduos historicamente oprimidos no seio da família como mulheres, crianças, jovens e idosos (SALES, p.36, 2004).

Algumas mudanças, mesmo que de forma lenta, já começam a ser percebidas e se devem a uma soma de fatores, entre elas, às políticas públicas que vem sendo adotadas há quase duas décadas. Por exemplo, o programa Bolsa Família de transferência de renda onde a mulher é a protagonista no recebimento do subsídio, às políticas para o meio rural tais como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), nas modalidades PRONAF – Mulher e Agroecologia onde esta última reserva 50% de seus recursos para as mulheres, ajudam a promover um certo protagonismo feminino no espaço rural. Estas políticas públicas, tem como figura central para o recebimento e administração destes recursos e direitos, as mulheres.

Mas a opção do Estado pela família como sujeitos preferenciais de suas políticas não é ao acaso. “Sabe-se que a instituição familiar sempre fez

parte integral dos arranjos de proteção social brasileiros” (SALES; MATOS; LEAL, p.29, 2004).

[...] os governos brasileiros sempre se beneficiaram da participação autonomizada e voluntarista da família na provisão do bem-estar de seus membros [...] E isto, não porque os poderes públicos tivessem, historicamente, desconsiderado a família, as crianças, os jovens, na sua agenda social, mas porque o desenho das políticas públicas brasileiras sempre foi profundamente influenciado por uma tradição de relacionamento do Estado com a sociedade, que exige desta autoproteção da família (SALES *et al.* p.29, 2004).

Há, sem dúvida, uma forma diferenciada quando se pensa a organização familiar na agricultura camponesa e, quando se trata de comunidades quilombolas, tal diferenciação toma um contorno um pouco mais sutil. Tal sutileza, que pode escapar as vistas acostumadas às especificidades urbanas, tem a ver com a forma e o porquê da organização das famílias quilombolas. Do ponto de vista da “chefia” familiar, há ainda a presença do homem como protagonista, mas existe também um crescente protagonismo das mulheres, sobretudo no que se refere às tomadas de decisões internas ao núcleo familiar e nas organizações de grupos de mulheres no interior das comunidades que merece registro. Entre os filhos, existe uma leve vantagem dos homens sobre as mulheres, mas quando a filha é a mais velha e tem idade para tomar decisões, ela assume um papel de liderança sobre os irmãos mais jovens na família.

Percebe-se que a família é um organismo de extrema importância para agricultura familiar nos quilombos. Nesta instituição social vem ocorrendo um protagonismo feminino que se apresenta fino e meticulosamente elaborado por uma série de estratégias orquestradas pelas mulheres em face de um domínio masculino que transpassa gerações no interior das famílias no espaço rural. Elas têm como suporte, os conhecimentos sobre os afazeres da casa, dos alimentos, das ervas medicinais sobre os cultivos e os cuidados relacionados a espiritualidade, bem mais sensível entre mulheres do que entre os homens.

É possível observar nos quilombos inúmeros exemplos de família nuclear extensa, ou seja, aquela

representada pelo pai, a mãe, os filhos em associação ainda aos avós, aos tios, às tias e primos no mesmo espaço de convivência, e mesmo sendo ainda um modelo de família centrado na figura do homem, há uma grande participação das mulheres e dos idosos nas atividades e decisões da família.

Este formato de família nas Comunidades Quilombolas diz respeito a um determinado “acordo” que ainda sofre influências da cultura cristã no que se entende por “papéis” do homem e “papéis” da mulher.

Na família a práxis libertadora tem como atitudes características a horizontalidade – a igualdade de valor – o respeito e a escuta às urgências dos filhos/educandos, se desconsiderar suas próprias urgências. Trata-se basicamente, do reconhecimento de si e do outro como sujeitos e de que há um saber em cada membro da família (SZYMANSKI, p. 33, 2010).

Como exemplo destes papéis e do conhecimento de cada um de si como portadores de saberes, pode-se citar que, na maioria das vezes, está ligado à mulher a responsabilidade com relação à educação dos filhos, a orientação religiosa e a organização dos momentos e espaços de confraternização da família tais como: festas familiares e religiosas, horários e a distribuição das tarefas na família. Estes papéis desempenhados pela mulher, demarcam a importância que tem a mulher no âmbito familiar, “pois o universo camponês feminino é tão importante quanto o masculino [...] A mulher tem seus próprios espaços e sua atividade é tão fundamental para a reprodução social da família quanto a do homem” (WOORTMANN p.141, 2004).

Mas em boa parte das situações, a transmissão de saberes é partilhada com o homem e também conta com a mediação dos avós neste processo. É um espaço de formação de socialização e fixação de saberes e de transmissão de valores e de visões de mundo.

A família, nessa perspectiva, é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel de transmissores – os pais – e desenvolvidas junto aos receptores – os filhos [...] ou seja nas trocas interpessoais. Embora não se trate de conhecimento sistematizado, é o

resultado de uma aprendizagem social transmitidas de geração em geração. Seu caráter formativo expressa-se tanto na finalidade de transmissão de saberes, hábitos, conhecimentos e em procedimentos que garantam sua aquisição e fixação como também na constante avaliação dos membros receptores quanto ao grau de assimilação do que lhes foi transmitido (SZYMANSKI, p. 20, 2010).

Em outras palavras, a função da família e seus integrantes vai além de decidir do que se irá alimentar diariamente os membros da família. As mães e avós fazem a gestão e administram medicamentos alopáticos ou naturais tais como os fitoterápicos locais e decidem, em associação aos maridos, o que se produzirá nas roças da propriedade familiar.

De fato, as condições de vida dos indivíduos dependem, em grande parte, da inserção social de todos os membros da família, sendo nela que se articulam as mais diversas formas de alternativas para superar as situações de precariedade social, diante do desemprego ou inserção precária no mundo do trabalho. A luta cotidiana para prover as necessidades básicas, enquanto empreendimento coletivo e dependendo das condições de pobreza, mobiliza todos os membros da família (SALES, p. 62, 2004).

Determina-se quando, quanto e como os excedentes serão comercializados, ou seja, nota-se que as decisões que direcionam os destinos da família, encontram centralidade partilhada nas decisões do pai e da mãe que nas suas práticas ensinam aos filhos a forma e o como se fazer, transmitindo os saberes de forma prática.

No entanto, as decisões da mulher na família não se dão à revelia das decisões do homem, notadamente àquelas questões relacionadas à produção agrícola e à sua comercialização. Estas partem sempre do homem tendo a mulher como coadjuvante nas decisões, mas ocorre situações em que a mulher toma as decisões sem que o homem precise opinar. Obviamente que há famílias com exemplos de sujeição total da mulher às vontades do homem. Assim, como também há famílias onde as decisões são tomadas exclusivamente pela mulher,

mesmo com a presença de filhos, mas esta situação ocorre pela falta do homem, do pai.

Os filhos mais velhos, sejam mulheres ou homens, quando em idade para assumirem determinadas funções, só o fazem em complemento as funções dos pais. Estas decisões são mediadas, muitas vezes, pela participação dos idosos que ainda residem junto com a família na mesma casa ou em casas separadas, mas próxima a casa “central”.

Os núcleos familiares são compostos, do ponto de vista dos arranjos das moradias, por um ajuntamento de casas próximas umas às outras, número que chega a quatro a no máximo cinco casas. Raramente se observa mais de uma família habitando a mesma casa. Quando isto ocorre é em associação aos avós, já idosos, com um dos filhos.

A presença dos idosos é uma realidade nos quilombos, porém, com o advento da aposentadoria rural, a presença destes quilombolas como agentes de decisão, vem dando novos rumos às iniciativas das famílias. Estes senhores e senhoras, já eram mediadores de conflitos internos às famílias. Sempre orientaram os mais jovens e, no que se refere à prática da cultura e religiosidade, são ainda uma das principais influências. Sedia-se nos mais velhos da família a “responsabilidade” pela transmissão da cultura e outros valores mais tradicionais da comunidade. Mais recentemente, se tornaram centrais também na vida econômica das famílias, pois a renda de suas aposentadorias representa, em boa parte dos casos, quase a metade da renda total da família.

Os quilombolas idosos e idosas do meio rural, que até o final da década de 80 estavam sujeitos a não terem o benefício da aposentadoria, principalmente os agricultores não sindicalizados, agora vivem uma realidade que seus pais não alcançaram de forma tão expressiva. Estes quilombolas estavam relegados ao suplício da não aposentadoria remunerada, esquecidos dos benefícios que desfrutavam os trabalhadores urbanos conferido pelo sistema previdenciário. A concessão da aposentadoria a estes agricultores, promoveu o aumento do número de idosos e idosas nas comunidades rurais com aposentadoria o que mudou a forma como eram vistos os quilombolas mais velhos por outras gerações.

Os anciões vêm cada vez vivendo mais e alguns continuam trabalhando em suas unidades produtivas mesmo aposentados, participando ativamente da educação dos netos. O dinheiro que lhes é garantido pelo benefício da aposentadoria, lhes agregam um valor renovado na lógica de manutenção das famílias. Percebe-se com isto, a valorização das mulheres na terceira idade, que assumem mais papéis relevantes na vida familiar, papéis que suas avós, por exemplo, não desempenhavam, como, por exemplo, arrimo financeiro da família. As avós não são somente as responsáveis pela transmissão de valores que com sua experiência de vida foi acumulando. São também responsáveis por manter os filhos e netos no tocante às questões financeiras e na vida familiar, além das prestações de serviços domésticos no ambiente familiar.

As famílias nos quilombos, vem apresentando com acentuada relevância, uma participação mais frequente da mulher e dos idosos que, pelo cenário atual, são cada vez mais elevados à condição de protagonistas na família e, portanto, também em suas comunidades.

Quanto aos jovens em idade produtiva, estes têm saído com mais frequência das comunidades, estratificando em três as gerações nas famílias nos quilombos. Pais com idade média de 20 a 40 anos, filhos menores entre 5 a 15 anos, portanto em idade escolar e idosos com idades que vão de 60 aos 90 anos. A motivação para este êxodo dos jovens se faz em face da perspectiva de uma vida distanciada da rotina rural. Muitos dos jovens não veem na prática da agricultura um futuro para si e, ao concluírem o ensino médio ou para concluí-lo, partem rumo aos centros urbanos mais próximos que lhes ofereçam “melhores” perspectivas.

À revelia da saída dos jovens, que se repete há várias décadas, ora mais intensa ora menos, ao sabor do apelo que o urbano lhes faz, há sempre um retorno de famílias para as comunidades. As lideranças quilombolas salientam que esta migração sempre foi uma rotina, assim como também é o retorno de boa parte dos que para os centros urbanos se aventuraram. Tão certa quanto é a saída dos jovens, é também a sua volta às comunidades de origem e muitos retornam com família constituída. Este movimento migratório, de sair e voltar faz parte das estratégias do campesinato:

Primeiro, a migração de jovens se constitui como uma estratégia de reprodução histórica das famílias camponesas. Segundo, há diversidade de trajetórias, os jovens que migram e se fixam nos locais de destinos, os que retornam e os que migram em um período da vida, em geral se casam, mas as mulheres não migram e se fixam nas localidades rurais (...) Terceiro, a renda ganha em atividades de trabalho assalariado urbanas e rurais se destina tanto ao consumo quanto a investimentos que indicam um projeto de ficar na localidade.(...) o trabalho assalariado fora das localidades rurais possibilita aos jovens atender suas necessidades de consumo e, também, conquistar autonomia. (...) e isso tem permitido a permanência do grupo familiar nos pequenos municípios, pois se migra para poder ficar. (MENEZES, p. 131 e 132, 2012).

Mesmo assim, sendo um fluxo que se repete alternando momentos de alta e de baixa saída, se encontra hoje nas comunidades um número grande de jovens em idade escolar por um lado e um número de idosos, também acentuado, de outro. Há um fator importante presente nas comunidades que se conjuga nas famílias em primeiro lugar e se espalha para toda a comunidade. Este fator é a solidariedade entre os seus membros e destes para com os integrantes de outras famílias.

A ajuda mútua é frequente entre as famílias nos quilombos sendo [...] “um elemento caracterizador da família desde suas origens. Essa reciprocidade é condição da própria sobrevivência dos indivíduos o que é facilmente constatável nas chamadas sociedades ‘primitivas’” (CANEVACCI, p.31 1981). Pode ser ainda formada por “laços solidários e de uma ajuda mútua, informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável” (ALMEIDA, p.163, 1989).

Portanto, o que fia as relações nestas famílias é um senso de solidariedade, onde as relações de compadrio estão bem presentes entre os membros da família. Tios, avós e avôs são padrinhos de sobrinhos e netos, respectivamente. Há um respeito pelos mais velhos, não só pelo papel de contribuidores da vida econômica da família, mas também porque são cultuados entre todas as gerações por sua importância na história da

comunidade. Percebe-se quilombolas de 60 anos pedindo a benção a outros quilombolas com idade superior num aceno de respeito e consideração à sabedoria representada pela experiência dos mais velhos nas comunidades. Dos mais velhos vem uma série de tradições que se ligam a agricultura, principalmente, no que se refere às técnicas de cultivos, as sementes e mudas mais propícias a cada solo e estação climática.

As bênçãos também se repetem com as crianças recém-nascidas e com pessoas doentes assim como a administração de chás de ervas medicinais locais. Estas tradições nos mostram o quão acentuado é o conhecimento etnobotânico destes anciões (LOPES, 2010).

Os idosos são os depositários de responsabilidades ligadas às rezas, romarias e cantos religiosos que remetem a um catolicismo “castiço” mesclados às novas liturgias com contornos “modernos”, porém, sediados na experiência e memória dos mais velhos. Observa-se que entre os mais jovens tais tradições e rituais muitas vezes não lhes causam interesse, o que pode comprometer o futuro destes conhecimentos.

Notadamente os quilombolas mais idosos – sexagenários, septuagenários e mesmo octogenários – detém consigo um conhecimento extraordinário relativo às ervas medicinais locais, extraídas das matas ou cultivadas nos quintais e também sobre as sementes mais antigas e suas diversas espécies.

A família nos quilombos tem importância fundamental na formação destas comunidades, pois se conforma como núcleo privado onde se reproduzem as relações sociais que exercem seus membros no convívio do quilombo. Valores como individualidade, consumo e solidariedade são apreendidos no seio familiar, assim como também são as normas de comportamento que irão forjar os elementos que os prepararão para o trabalho e a vida social mais ampla, seja na comunidade ou fora dela.

Um elemento importante são os valores próprios das comunidades que acham na família ponto de início e apoio importante, pois se trata da base para a transmissão dos saberes tradicionais das comunidades.

Adota-se a perspectiva de que é a partir das necessidades da família (alimentação,

comercialização, moradia, sociabilidade e solidariedade) que se determina um “modelo” de agricultura que se funda em saberes tradicionais transmitidos oralmente por gerações de quilombolas através da família e do uso do território e suas potencialidades.

Os quilombos se valem da coevolução entre o meio natural biodiverso do Vale do Ribeira e um conjunto social específico que se molda há mais de dois séculos, em algumas comunidades, manejando os recursos naturais renováveis em seus territórios, “[...] muitas dessas áreas habitadas por populações tradicionais haviam se **conservado sob cobertura florestal e com alta biodiversidade**[‡] em virtude do manejo ligado ao modo de vida das comunidades” (DIEGUES *et. al.* p. 17, 2001).

Parte-se ainda da constatação de que a biodiversidade nestes agroecossistemas tradicionais é resultado também do componente social e cultural. Estes arranjos, se processam nas comunidades por meio, e a partir, do núcleo familiar como ponto de partida. Neste sentido amparamo-nos nas reflexões feitas por (DIEGUES *et. al.* p.17, 2001) que afirma ser:

Ainda sob o ponto de vista científico, os que se baseiam na ecologia social têm proposto que a biodiversidade não é um conceito apenas biológico, relativo à diversidade genética de indivíduos, de espécies e de ecossistemas, mas também o resultado de práticas, muitas vezes milenares, das comunidades tradicionais que domesticam espécies, mantendo e aumentando, como em alguns casos, a diversidade local.

As práticas que envolvem a agricultura tradicional, ainda que não milenares nos quilombos, mais seguramente centenárias em boa parte deles, encontram na família o meio que propicia a mediação destas práticas no interior das comunidades.

Esta discussão tem como objetivo apresentar a família em comunidades quilombolas como entes sociais que estão em constantes mudanças assim como qualquer família na sociedade atual. Estas famílias demonstraram que, mesmo carregando

consigo uma história de quilombos seculares, estão em constante mudança e se apropriam de culturas, tecnologias e novas formas de ver o mundo. Esta apropriação do “moderno”, no entanto, não descaracteriza os saberes tradicionais que os tornam remanescentes de quilombo ao contrário, os deixam aparentes e salienta a enorme importância que tem estas comunidades tradicionais para se entender como se dão as relações sociais no campesinato que cada vez mais se mostram complexos

2 Métodos

A metodologia científica é entendida como um conjunto organizativo que se vale de ferramentas e técnicas próprias de um determinado campo do saber e que propicia rigor analítico à pesquisa acadêmica. A este campo da ciência compreende a organização dos mais diferentes métodos e seus paradigmas relacionados as áreas de conhecimento (TURATO, 2003).

Nossa proposta de aplicação de uma metodologia qualitativa, nos faz entender que a atividade básica da ciência na indagação e construção da realidade [...] “vincula pensamento e ação de sujeitos pensantes que ao trabalhar a sua realidade gera significados e símbolos” que podem ser captados e ‘lidos’ por meio de métodos de pesquisas, “ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO p. 16, 2010).

Trabalhar com saberes e conhecimentos tradicionais em comunidades quilombolas, que evoluíram e difundiram estes saberes por meio de fontes orais de transmissão perderia sua riqueza se fossem sistematizados por meio de uma metodologia quantitativa que as transformasse em números, até porque, torna-se impossível traduzir em números, conhecimentos e saberes tradicionais desta ordem.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Este conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se

[‡] Grifos presentes no original.

distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, p. 21, 2010).

Assim, adotamos como base de apoio e partida a oralidade dos quilombolas, registrada através de entrevistas semiestruturadas, abertas e por meio da convivência no âmbito da vida familiar na comunidade estudada. Com eles construímos “uma constante troca entre o pesquisador e o entrevistado num processo dialógico e dialético durante o qual se pode mudar as perspectivas de ambos sobre a questão” (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, p. 38, 2010).

Os dados foram captados com os agricultores (as) quilombolas mais experientes e/ou mais velhos da comunidade pesquisada. Levantou-se a religião das famílias, número de integrantes e que membros da família se encontram fora da comunidade. Em suma, pesquisou-se aspectos atuais da realidade em um quilombo do Vale do Ribeira paranaense que está em processo de demarcação e titulação de suas terras, a partir da memória dos quilombolas, de outros tempos vividos por suas famílias e sobre a sua agricultura.

A partir da convivência com os sujeitos da pesquisa, procuramos tornar a pesquisa bem mais rica em detalhes, fugindo da ação que transforma *sujeitos da pesquisa em objetos de pesquisa*.

Isto é bastante mais difícil quando o pesquisador convive com pessoas reais e, através delas, com culturas, grupos sociais e classes populares. Quando comparte com elas momentos redutores da distância do *outro* no interior do seu cotidiano. Então a observação participante, a entrevista livre e a história de vida se impõe. O pesquisador descobre com espanto que a maneira espontânea de um entrevistado falar sobre qualquer assunto é através de sua pessoa. Que a maneira natural de uma pessoa explicar alguma coisa diante do gravador, é através de sua “história de vida” ou através de um fragmento de relações entre a vida e aquilo que responde. Em boa medida descobre que métodos e técnicas de que se arma com cuidado são meios arbitrários pelos quais o investigador submete à sua a vontade do

outro, o investigado (BRANDÃO p. 13, 1999).

Definimos como universo da pesquisa o quilombo João Surá, no município de Adrianópolis no estado do Paraná. Neste quilombo escolhemos, mediante indicação das lideranças da comunidade um número de quatro famílias. A autorização para as entrevistas, visando responder aos questionários semiestruturados, foram tomadas junto aos agricultores e só foram iniciadas com o consentimento destes. Para obtermos a autorização dos entrevistados, utilizou-se também as inserções feitas em pesquisas e extensão rural realizadas em 10 anos de pesquisas desenvolvidas nos 11 quilombos do Vale do Ribeira paranaense.

Resumidamente, adotamos como passos metodológicos os seguintes elementos e ferramentas de pesquisa:

- Entrevistas semiestruturadas com quatro famílias em um quilombo de Adrianópolis, município do Vale do Ribeira paranaense;
- Vivência junto as comunidades quilombolas com o intuito de observar e entender a dinâmica das famílias, os graus de sociabilidades e solidariedade nos trabalhos com a agricultura e a organização familiar;

3 Resultados e discussão

Os integrantes das famílias em João Surá seguem a lógica camponesa assim como todos quilombos do Vale do Ribeira paranaense. Neste quilombo encontram-se membros vivendo na comunidade e membros residindo em outras localidades, sobretudo em Curitiba. Os deslocamentos destas pessoas da comunidade de origem para centros urbanos, são motivados pela procura de empregos e acesso a acompanhamento médico para tratamentos de saúde. Em alguns casos os integrantes das famílias saem para procurar estudo e formação aliados a ocupações em outras áreas diferentes da agricultura.

Organizamos as famílias no (Quadro 1), neste quadro optamos por apresentar as famílias pela abreviatura do nome da comunidade seguida dos números 01, 02, 03 e 04.

Quadro 1. Composição familiar e identificação de cor no Quilombo João Surá, Adrianópolis, estado do Paraná, 2014

Família	Idade/Gênero/Cor								Total de Membros
	Mais de 60		30 – 60		15 – 30		1 – 15		
	F	M	F	M	F	M	F	M	
JS-01	68 anos/ negra	75 anos/ negra	39 anos/ negra* 32 anos/ negra*	41 anos/ negra*	29 anos/ negra*	26 anos/ negra*	-	-	7
JS-02	-	-	54 anos/ negra 38 anos/ negra*	28 anos/ negra*	24 anos/ negra* 24 anos/ negra	-	-	-	5
JS-03	-	74 anos/ negra	46 anos/ negra	50 anos/ negra 38 anos/ negra	-	-	-	-	4
JS-04	-	-	38 anos/ negra	46 anos/ negra	-	21 anos/ branca 19 anos/ branca	14 anos/ branca 5 anos/ negra 2,8 anos/ branca	7 anos/ negra	8

Fonte: Os autores, pesquisa de campo, 2014. *Membros que residem fora da comunidade.

A primeira família, JS-01 é composta por 8 integrantes, os pais e seus 6 filhos. No momento da pesquisa somente os pais residiam na comunidade. Quanto a entrevistada e o marido, com 68 e 75 anos respectivamente, já não cultivam toda a área da propriedade devido a problemas de saúde do marido que requeria cuidados diários por parte da esposa. Mesmo assim, ela consegue por meio de parceria com outros quilombolas, cultivar boa parte de seus alimentos, principalmente feijão, hortaliças, frutíferas e ainda mantinha uma pequena criação de galinhas.

A família JS-02 tem 6 integrantes, mas no momento da pesquisa residiam somente a mãe e um dos filhos de 24 anos, os outros filhos residem em Curitiba. Nesta família, assim como na anterior, quem decide sobre as questões relacionadas à família, é a mãe que é viúva do primeiro marido e se separará do segundo há pouco tempo. A entrevistada tem autonomia na condução de sua propriedade, desde o que se cultivava, que investimentos fazer e que reformas nas estruturas proceder. Sua rotina de trabalho impressiona e chega a ter jornadas de trabalho de 12 a 14 horas.

A família JS-03 é composta somente por homens. O entrevistado, que é o filho mais velho, reside com o pai, deficiente visual que com a idade desenvolveu surdez. A família ainda conta com o irmão do entrevistado residindo junto com ele e o pai. Esta família tem uma quarta integrante que reside em outro núcleo da comunidade João Surá, conhecido como Poço Grande. A família JS-04 é a que tem mais integrantes e a que compõe mais gerações na família.

O quilombo João Surá tem famílias relativamente jovens, mesmo tendo famílias com expressivo número de idosos, a presença de jovens faz com que a distribuição geracional fique bem mais equilibrada. Oliveira (2014) chegou estudando 26 famílias pesquisadas em João Surá, a números que caracterizavam as famílias com mais homens que mulheres na comunidade, eram à época da referida pesquisa, 44 homens e 36 mulheres nestas 26 famílias.

As idades dessas pessoas eram variadas. Tinham desde crianças recém nascidas até uma pessoa com 87 anos. Havia 27 crianças e jovens nas comunidades com até 24 anos de idade e 22 pessoas com

mais de 55 anos. A maioria dos moradores do João Surá tinha entre 25 a 54 anos e a maior parte eram solteiras. Tinham 35 pessoas solteiras, 28 casadas, 5 viúvas e 4 divorciadas ou separadas e 8 vivendo junto (OLIVEIRA, p. 2, 2014).

A necessidade de cuidados para com a saúde, não diminui a autonomia e o poder de decisão destes quilombolas mais velhos. Eles são referências em João Surá, são lembrados pelos quilombolas mais novos como pessoas que construíram a história da comunidade e inspiram as novas lideranças para gerir e enfrentar os problemas de hoje.

A presença destes idosos, mesclados e integrados na vida das famílias, enriquece de significados e reforça tradições ao serem repassadas aos mais jovens através de causos, contos e das histórias de outros tempos da comunidade.

A família JS-04 tem uma presença mais acentuada de jovens, crianças e idosos convivendo no mesmo espaço familiar. Ao passo que a família JS-03 compõe-se de apenas dois irmãos e o pai. Esta família, seus três integrantes são reconhecidos por outros quilombolas da comunidade como extremamente trabalhadora e é muito elogiada a disposição de ambos os irmãos em cuidar do pai.

Assim como a família JS-03, as famílias JS-01 e JS-02 não seguem um “padrão ideal”, as mulheres que as comandam tem seus filhos e suas famílias em outras cidades, que também já contam com seus próprios filhos. No entanto, estas mulheres do quilombo não foram abandonadas por seus familiares, assim como também não foram abandonados os homens da família JS-03. Um e outro continuam em contato constante com os membros e parentes da família, numa rede familiar de amizade, como nos apresenta Menezes (2009, p. 277) afirma que as “redes sociais organizam as conexões entre os que migram e os que ficam, por meio do fluxo de informações, veiculadas, na época, por cartas e mensagens orais, fluxo de mercadorias – presentes, remédios, utensílios domésticos, fluxo de dinheiro que um parente envia a outro”.

O contato das famílias JS-01 e JS-02 com os filhos que residem fora da comunidade é frequente, não se disseram tristes por não contarem com os filhos e netos vivendo no quilombo. Estas mulheres, optaram continuar no quilombo por se verem mais

felizes em suas comunidades, trabalhando em suas terras. Para elas a permanência na comunidade lhes confere maior autonomia e domínio sobre suas vidas.

A religião da comunidade, quase que em sua totalidade é de católicos, segundo o presidente da comunidade. Somente três das 41 famílias na comunidade são evangélicas. Uma destas famílias evangélicas era a JS-02 sendo que as outras três famílias se disseram católicas. A religião católica na comunidade faz com que hábitos culturais, tais como a romaria dos mortos, as danças e romaria de São Gonçalo, as festas aos santos caipiras no período junino, além de várias tradições cercadas pelos mitos caipiras na comunidade, ainda estejam presentes.

Também é nas famílias que ocorre a transmissão dos saberes tradicionais ligados à agricultura que são passados pelos mais velhos aos mais novos. Alguns quilombolas da comunidade têm saído para cursos onde tomam contato com a agroecologia, reconhecendo nas práticas que permeiam nas várias técnicas desta nova ciência que já são agroecológicos em vários aspectos.

Sobre os significados da família, os quilombolas reafirmaram o que as famílias dos dois quilombos anteriores relataram:

Que tudo que aprendi de valores eu recebi dos pais e repassei aos filhos para construir as suas famílias (Família JS-01). A família é uma, alegria, meus filhos estão longe mas me sinto unido e me sinto feliz porque eles estão seguindo suas vidas, mas sonho com a volta deles para a comunidade (Família JS-02). A família é boa (Família JS-03). Significa muitas coisas, mas principalmente educar os filhos a respeitar os mais velhos, os de fora da comunidade. Representa o futuro (Família JS-04).

A família pela ótica destes quilombolas, segue uma lógica quase edílica, estão revestidas de conceitos totalizantes onde se encontra segurança, refugio, lugar de felicidade e de onde se cultiva e transmite valores apreendido de seus antepassados. É uma instituição que está em frequente mudança e, pelo que relataram as famílias entrevistadas, sempre houveram famílias que diferiam do modelo classicamente afirmado como ideal, composto de pai, mãe e filhos. Sempre houveram famílias onde a

mulher, a mãe, é quem tomava as decisões assumindo o papel do marido quando este falecia ou deixava a família e a casa por algum outro motivo. Também é frequente famílias compostas por filhos que não constituíram, no padrão classicamente conhecido, uma nova família nuclear, não tiveram filhos e resolveram continuar morando com os pais, ou, no caso de uma das famílias estudadas, somente com o pai. As famílias compostas somente por idosos, tendo seus filhos e netos morando na comunidade ou não, se mostraram presentes em outras épocas nas comunidades, segundo a memória dos quilombolas entrevistados. Portanto, não é uma realidade de agora, o que mostra que os quilombolas ao chegarem a terceira idade, chegam vigorosos e mesmos os que desenvolveram alguma enfermidade, tem uma vida de relativa independência frente as suas necessidades. Ao projetarem planos para os anos seguintes, para a propriedade, para a vida em família, preveem que com a volta dos filhos ou netos ainda estarão na comunidade.

A visão que os quilombolas têm da família é abrangente, envolve todos os membros, mesmo aqueles que já não vivem mais na comunidade.

A presença de mais idosos nestas comunidades não se configura em comunidades envelhecidas, ou comunidades com dois polos geracionais opostos: idosos/jovens. O que ocorre é que há famílias compostas de idosos, vivendo de forma autônoma sem o auxílio dos parentes. A relação de dependência em boa parte das famílias com presença de idosos é inversa, são os idosos que mantêm as famílias de seus filhos, ou estão em suas famílias com filhos que ainda permanecem com eles. Nestes casos, onde o idoso tem consigo os filhos, boa parte com idade superior aos 50 anos, tem papel de extrema liberdade para os destinos de suas famílias e contam com os filhos para a administração de todos os problemas e com os trabalhos em suas terras. Nas famílias em que estes idosos vivem sós, esposa e marido, estes se valem da ajuda de outros quilombolas para realizarem seus cultivos. Cedem a terra para os quilombolas que não as tem e dividem a produção e conseguem assim ter parte de seus alimentos sem ser necessário comprar.

Nestas famílias, o que concluímos, é que ao se darem conta da sua condição camponesa pelo advento do reconhecimento enquanto quilombolas, reforçam a consciência coletiva de que são resultado

de um processo histórico que remete aos seus antepassados, escravos fugidos ou negros libertos e que a família não é só os que estão na comunidade, mas os que saíram e os que ainda estão por voltar.

Quanto a etnia, a maioria se definiu como negros, mas também se disseram brancos, não adotaram a categoria pardos como qualitativo de cor para a pele. No entanto, todos se afirmaram quilombolas, o que é visto por eles como algo que lhes realçou o que já julgavam extremamente importante: o pertencimento a algo que já os diferenciava, o fato de serem mais negros que o restante das comunidades de Adrianópolis é uma realidade que sempre foi lembrada por todas as outras comunidades não quilombolas do município.

Existem famílias compostas apenas por homens, com dois irmãos cuidando do pai já idoso como é o caso da família JS-03. Há famílias que são formadas por casais idosos que se uniram depois de uma longa vida em outros relacionamentos. Estes idosos são vistos pelos quilombolas de suas comunidades com a importância e o acúmulo que uma vida poderia conferir, como reserva de conhecimento e sabedoria. São citados frequentemente, pelos quilombolas mais novos como sabedores da história da comunidade e conhecedores dos mais diversos saberes acerca da agricultura e suas técnicas, da cultura e das lendas de suas comunidades. A família neste quilombo é, portanto, o espaço onde as tradições da comunidade se processam e, em face da inserção de culturas e hábitos externos, mantém sua cultura centenária que os caracterizam como comunidade quilombola.

4 Conclusão

As famílias que participaram desta pesquisa nos mostraram que a composição, em termos de geração é diversa. Há famílias nucleares no quilombo, como no “modelo” tão exaustivamente apresentado pela religião cristã e pelos setores conservadores da sociedade, mas também, há famílias que são formadas por outros padrões que não corroboram com o modelo preestabelecido.

O “ideal” de uma família composta por um homem, o pai, por uma mulher, a mãe e por seus filhos em quantidades e idades diversas, com avós, com tios, primos convivendo próximos à uma

família nuclear, numa relação harmônica ou não, existe no quilombo, mas não é o único arranjo.

Com estas premissas, percebemos que há conexões entre estes quilombolas através dos laços de família e da prática da agricultura destas comunidades. Estes laços de parentesco, sediados no âmbito familiar, determinam uma forma de trabalho que é, sem dúvida, elaborado sobre uma estrutura familiar camponesa. Estas relações têm influências e as suas consequências para a organização da família são perceptíveis nas famílias do quilombo.

No quilombo João Surá, a partir da união entre as famílias com outras famílias de diferentes comunidades, se deu e ainda ocorre, uma troca e fluxo de conhecimento tradicionais sobre a agricultura desta comunidade. Sabemos que a família, como instituição, tem importância central na agricultura familiar. Podemos observar que as relações entre as famílias frente aos seus futuros e a permanência nos territórios em que vivem e reproduzem suas condições materiais, são encaradas como algo certo, pois são o produto de várias gerações e estão cientes que a família residirá por muitas gerações no quilombo.

Neste quilombo encontramos famílias compostas pela mãe com um ou mais filhos, com idades variadas, alguns jovens entre os 20 e 30 anos, como foi o caso da família JS-02. A mãe parece ser, nestes casos, o pilar pelo qual seus integrantes gravitam, e por estes são respeitadas como tal, mesmo os filhos e outros integrantes que estão fora da comunidade. Portanto, os “modelos” de família neste quilombo, nos mostraram que estas, no meio rural, no campesinato, assim como parece ocorrer com toda a sociedade, é uma instituição em constante mudança e transformação.

Aspectos como estes, nos orientam para uma discussão sobre a família que leva a perceber uma certa preponderância de um modelo familiar onde o homem, na família, se apresenta como o “chefe” familiar num primeiro momento aos olhos dos de “fora” mas, ao se conviver por mais tempo com estas famílias em seus espaços de sociabilidade, vai sendo possível observar as nuances de um certo protagonismo feminino, representado pela mãe e, em boa parte das situações, pela avó e a filha mais velha, ambas em associação para tomar as decisões mais centrais no âmbito da família. Há mesmo

situações em que as três figuras femininas: avó, mãe e filha, convivendo no mesmo espaço, partilham o papel maternal de forma que os filhos e os netos se mesclam no interior da família.

A identificação como quilombolas lhes trouxe um ânimo renovado para continuarem sendo agricultores. Das quatro famílias entrevistadas, três tinham integrantes residindo fora da comunidade, principalmente em Curitiba, saíram há tempos a procura de outras opções de emprego principalmente.

A partir dos relatos dos quilombolas entrevistados, pode-se dividir em dois os motivos da saída destas pessoas, o primeiro é a procura de outras ocupações, outros empregos que não só agricultura e neste grupo se concentram as pessoas mais jovens, em idade produtiva. O segundo, são quilombolas que saem para tratar da saúde e fixam residência em grandes centros urbanos pela proximidade dos hospitais e acesso ao atendimento médico. Neste grupo se localizam os quilombolas idosos.

No quilombo João Surá o que se observa é o aparecimento de famílias que optaram por outras denominações religiosas dentro do cristianismo, mas ainda são de maioria católica como lembram os mais idosos das comunidades. Além da religião católica, há também a evangélica Congregação no Cristã no Brasil. Ao adotarem a nova denominação cristã, as famílias abandonam tradições ligadas ao catolicismo, tal como as festas aos santos caipiras (São João, Santo Antônio e São Pedro), aos padroeiros das comunidades e outras tradições com contornos católicos, tais como romaria e dança a São Gonçalo, a mesada de anjos e a romaria dos mortos.

No entanto, a opção por outras religiões parece não afetar a sua identificação, pelo autoreconhecimento quilombola. As famílias católicas e as evangélicas se dizem quilombolas de forma decidida. Estas famílias relatam que se sentem agora mais fortalecidas e empoderadas de um ideal do qual são portadores de valores, de tradições, de virtudes que os projetam para fora de suas comunidades como herdeiros da história de seus antepassados. Já não são mais identificados como os pretos da *capoava*, ou pretos do sertão, são todos quilombolas. E de fato, as comunidades não quilombolas do município os tratam como

quilombolas, os reconhecem como sujeitos coletivos identificados como quilombolas. Baseia-se nesta identificação identitária a agricultura neste quilombo. É a partir da lógica de uma agricultura que tem como base a produção familiar, que carrega consigo a história de várias gerações de famílias negras, que passaram por diversas agruras e enfrentaram o preconceito por serem negros e agricultores pobres, que no decorrer dos séculos de histórias, em uma região que ainda hoje é de difícil acesso, mantiveram-se coesas frente a todas as dificuldades trazendo valores do passado e os ressignificando no presente frente as adversidades que os preparam para o futuro.

Referências

- ALMEIDA, A. W. B. **Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Índio – Uso Comum e Conflito**. Belém, Cadernos NAEA n° 10, UFPA, 1989.
- BRANDÃO, C. R. **Pensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CANEVACCI, M. **Dialética da família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da Natureza Intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2001.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidades Quilombolas**. 2015. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=88>
- HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LANG, A. B. S. G; CAMPOS, M. C. S. S; DEMARTINI, Z. B. F. **História Oral, Sociologia e pesquisa: A abordagem do CERU**. São Paulo: Humanitas/CERU. 2010.
- LOPES, C. V. G. **O Conhecimento etnobotânico da comunidade Quilombola do Varzeão, Dr. Ulysses (PR): no contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável**. 159 f. Tese (Doutorado em Produção Vegetal), Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- MARCONI, M. A. **Instituição Família e Parentesco**. In. LAKATOS, E. M. **Sociologia Geral**. São Paulo: Editora Atlas, 1985.
- MENEZES, M. A. **Família, Juventude e Migrações**. *Revista Antropológicas*, v. 23, n. 1, p. 113-136, 2012.
- MENEZES, M. A. **Migrações: uma experiência histórica do campesinato do Nordeste**. In. GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARIN, R. A. **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. v. 2: estratégias de reprodução social. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p. 269-288.
- MINAYO, M. C. de SOUZA. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- OLIVEIRA, J. T. A. **Segurança alimentar no campo: redesenhos agroecológicos da produção em áreas de assentamentos e Remanescentes de Quilombos**. Unicamp; Brasília: CNPq, 2010/2012. (Projeto de Pesquisa, Edital MCT/CNPq 019/2010). Campinas, 2014.
- SALES, M. A.; MATOS, M. C.; LEAL, M. C. **Política Social, Família e Juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: Desafios e perspectivas**. Brasília: Editora Liber Livro, 2010. 136 p.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- WOORTMANN, E. **O saber tradicional camponês e inovações**. In. OLIVEIRA, A. U.; MARQUES, M. I. **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa Amarela/ Paz e Terra, 2004.